

Pé na Lua – Pé na Rua

— Ana!

O nome dela era Luana, mas a avó só lhe chamava Ana.

— O que é, vovó?

— Vai tomar banho para depois jantares.

— O que é o jantar?

— Pastéis de carne, arroz, feijão e salada.

— Só quero os pastéis, vovó.

— Não senhora, também precisas de comer salada. Faz bem à pele.

Luana saiu, a pensar que aquilo era conversa. Olhou-se ao espelho do quarto, aproximou a cara e achou que a sua pele estava mais do que bem. Tirou a camisola, a blusa, e depois foi para o banho.

Abriu a torneira e a água quente correu-lhe pelo rosto. Molhou o cabelo e começou a ensaboar-se. Que cheiro bom... a mamã usava o mesmo sabonete. Pensou nisso enquanto deixava a água quentinha cair em cima dela. Ficou um pouco triste, meio abatida. Lembrou-se do que o pai tinha dito, os olhos ficaram cheios de lágrimas. Estava com saudades dele também. Lá em São Paulo a trabalhar, enquanto ela ficara uns tempos com os avós no interior. Fechou a torneira, puxou a toalha e saiu da banheira. Ihh... que frio! Enxugou os pés e as pernas. Olhou para o espelho embaciado e, com o dedo, desenhou nele uma casinha. Depois saiu, embrulhada na toalha.

— Já tomaste banho, Anita? Ih! O teu cabelo está a pingar. Vem cá para eu o secar.

A avó Inês sentou-se na cama e pôs a menina no colo, pegou na toalha e começou a esfregá-la, enquanto cantava baixinho. Luana sentiu-se mais triste e um choro começou a sair devagarinho de dentro dela. A avó apertou-a nos braços e Luana sentiu que cada vez gostava mais dela: assim, bem apertadinha nos seus braços, como um passarinho no ninho. Depois, vestiu as calças e a blusa, as meias e as sapatilhas, e foi jantar.

Mas nem os pastéis nem a gargalhada do avô, com cheiro a vinho tinto e cachimbo no bigode branco, deixaram Luana contente.

Depois do jantar, chamou o Bizoca, o cãozinho preto que tinha desde pequenina. Deu-lhe um pedaço de bolo de banana e um beijo sem ninguém ver, porque toda a gente dizia que fazia mal beijar os cães. Bizoca riu contente e pulou à volta dela.

Deitou-se cedo e, no dia seguinte, saltou da cama atrasada para ir para a escola: a carrinha buzinou e a merenda ainda não estava pronta. Tanto melhor, recebeu dinheiro para comprar sandes no bar do colégio.

Na carrinha, sentou-se à beira de Pedro que apesar de ser rapaz, era o seu melhor amigo.

— Hoje é o aniversário da Vera, sabes? — perguntou o menino.

Luana olhou para trás e viu a amiga, que estava mesmo com cara de aniversário.

O dia na escola foi de festa. Pintaram pedaços de cartolina, o Beto fez um barco de papel azul. Luana fez um quadrinho com papéis de bombons e desenhou uma estrela na ponta, para Vera fazer um pedido. Pedro, que fazia os desenhos mais bonitos da turma, pintou um relógio no pulso de Vera. Coloridíssimo.



Luana chegou a casa com os olhos a brilhar.

— Vovó, tivemos uma festa tão bonita... foi o aniversário da Vera, sabes? Olha, vovó, quando for o meu, também queria dar uma festa na escola.

— Está bem, Ana. Só que o teu aniversário é em Outubro e nós estamos em Junho. Tens um signo bonito. Balança.

— O que é isso?

— Um signo? Ele fala das estrelas e dos planetas que estavam no céu no dia em que nasceste.

— Estrelas como as que vemos no telescópio do vovô, de noite?

— Sim.

— Aqueles mapazinhos que a mamã fazia?

— Sim, Ana. Eram cartas astrológicas, feitas por aqueles que estudam estrelas, e que falam da maneira de ser das pessoas, das coisas que aparecem nas estrelas e que têm a ver com a vida delas.

— Sim, eu sei. Mas onde está o vovô? Hoje, ele ia continuar a história da Alice.

— Está no quarto. Vai lá.

Luana subiu as escadas a correr, entrou no quarto de arrumos do avô, onde estavam as coisas dele: o seu telescópio, a papelada da loja e os livros.

— Vovô, está na hora da Alice! Ó avô, vais ler-me a história?

— Primeiro vem cá, Luanita. Dá-me um beijo de noite de lua cheia.

O avô pôs os óculos e continuou a contar uma história bonita, a partir do ponto em que tinha ficado.

Alice correu como o vento, a tempo de ouvir o Coelho Branco dizer, ao virar uma esquina: — Pelas minhas orelhas e pelos meus bigodes! Está a ficar tarde demais!

E assim estiveram Luana e o avô, por mais de uma hora. E quando ele parou de ler, a menina sentiu-se contente, pensando que, se não tinha um coelho, tinha o Bizoca. Um pouco receosa, pensou como Alice se havia precipitado por um buraco dentro e saído num outro mundo muito estranho... Talvez Alice fosse tão distraída como ela... “Talvez Alice tenha também o pé na lua, como o vovô e eu...”

Luana adorava histórias. Até agora, ainda não tinha aprendido a ler sozinha, mas já sabia escrever o seu nome, e na escola a professora já tinha ensinado as letras, as sílabas e algumas palavrinhas e frases simples.

— Vovô, quanto tempo falta até eu ser capaz de ler sozinha?

— Acho que só um bocadinho. Mas agora vamos dormir, que amanhã eu tenho a loja e tu a escola.

Luana gostava de ir com o avô até à loja de produtos agrícolas que ele tinha. Aqueles sacos todos cheios de sementes! E, depois, também havia os envelopes de papel com sementinhas de flores e frutas, com fotografias por fora. Dente-de-Leão, Flocos, Prímula, Cravina, Gerânio. E cada nome de flor e de planta tinha um outro nome complicado mas um som muito bonito quando o avô lho lia. *Geranium, primula officinalis, dianthus plumarius...* Palavras mágicas...



Um dia, Luana viu um envelope lindo que tinha umas flores muito coloridas, com uma cor no centro e outra na extremidade das pétalas. “Um trevo colorido”, pensou ela, “deve dar sorte.”

O avô disse que era um amor-perfeito. *Viola tricolor*. E deu-lhe um envelope com sementes para ela plantar.

Por baixo da janela do seu quarto, onde batia muito sol, Luana limpou a terra das

ervas, revolveu tudo e depois espalhou as sementes.

Quando nasceu a primeira flor, Luana teve pena de a colher para a pôr no jarro com água. Era roxa com o centro amarelo e parecia-se com os desenhos de uma blusa que a sua mãe tinha.

Só que ela não voltaria a ver a mãe com aquela blusa. Porque a mãe tinha morrido. E isto queria dizer que, agora, só iria vê-la como via a Alice na história do livro: por dentro, quando fechasse os olhos e pensasse nela. Por fora, de olhos abertos, a mãe tinha desaparecido.

Por isso é que Luana ficava assim, um dia contente, um dia triste, com saudades. E o tempo ia passando, às vezes muito rápido, às vezes lento.

A avó fazendo-lhe um cachecol comprido, para o qual ela escolhia as cores de que gostava mais. O avô na loja. A escola. As férias. As pequenas frases que ia aprendendo. As visitas do pai ao fim de semana. Regar o amor-perfeito e vacinar o Bizoca. A feira de sábado com a avó. A assadeira quente e o cheirinho do bolo.

Numa noite de frio e de muita chuva lá fora, estavam todos a ver televisão. Luana, aborrecida com um filme sem graça nenhuma, pegou numa revista. E, de repente... um estalido, como se uma fogueira tivesse iluminado tudo! Reconheceu pela primeira vez todas as frases que estavam fora das páginas dos seus cadernos e da lousa da escola.

— Magias especiais de retorno! — leu Luana. — Não é isto, vovó? — gritou.

— Não é que este pedacinho de gente está a ler, Inês?

Naquela noite, Luana sonhou que a mãe estava com ela e que nada de mal tinha acontecido. Estavam na praia, sentadas na areia quente. De repente, começaram a voar. Um vento forte parecia arrastar tudo, e Luana ficou com medo, mas a mãe estava lá e deu-lhe a mão.

De manhã, Luana acordou triste. Não quis o café com leite e disse que não ia para a escola.

— A que propósito não vais, menina? Vais, sim! — disse a avó.

— Hoje não vou de maneira nenhuma, pronto! — gritou.

E saiu a correr e subiu directamente para o quarto de arrumos do avô. Abriu a porta, ficou lá no escuro meio assustada, com raiva de tudo o que tinha acontecido, com vontade de



ter mãe. Ficou lá a chorar algum tempo, sentado no chão, junto da estante.

Foi então que percebeu que estava com a cara encostada a um livro colorido.

Puxou a manga da blusa e passou-a na cara para enxugar as lágrimas. Abriu o livro. Virou a primeira página. Mais uma. Aproximou-se da janela e leu: *Uma vez, depois de dar comida aos peixinhos, Lúcia sentiu os olhos pesados de sono. Deitou-se na relva com a boneca no braço e ficou a seguir as nuvens que passeavam pelo céu, formando, ora castelos, ora camelos. E já estava a adormecer, embalada pelo murmurar das águas, quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta do seu nariz.*

Então, pouco a pouco, a magia aconteceu. Como se aquela história fosse uma isca de anzol e Luana, o peixinho vestido de gente. E ela foi lendo, lendo, lendo, e apercebeu-se de que também iria gostar de inventar histórias, de imaginar coisas e de as escrever no papel...

Ouviu lá fora os risos de Ciça e de Tereca, que brincavam, tentando equilibrar-se em cima do portão da frente da casa. Luana deu também uma gargalhada, achando interessante fazer coisas que fazia todos os dias e que às vezes pareciam tão maçadoras... Desceu as escadas a correr, abriu a porta da casa e saiu para a rua, gritando que também ela iria ser capaz de se equilibrar.

Sílvia Oberg
Pé na lua – pé na rua
Paulus, 1997
(conto adaptado)